

Exm^a Senhora Presidente da Assembleia Municipal,
Exm^o Senhor Presidente da Junta de Freguesia,
Exm^o Senhor Presidente da Assembleia de Freguesia,
Exm^{os} Senhores Eleitos da Assembleia Municipal e da Assembleia
de Freguesia,
Exm^{as} Senhoras e Senhores Vereadores,
Caros Alpiarçenses – Minhas senhoras e meus senhores,

Saúdo-vos calorosamente neste dia de comemoração! Neste dia em que celebramos 48 anos passados sobre o dia 25 de Abril de 1974, “O dia inicial, inteiro e limpo, onde emergimos da noite e do silêncio” nas belas palavras de Sophia de Mello Breyner. E saúdo, em todos e em cada um de vós, o 25 de Abril da Liberdade, da tolerância, da igualdade e da fraternidade. Mas também o 25 de Abril da democracia, da descolonização e do desenvolvimento. O 25 de Abril da Paz e dos sonhos ainda por realizar!

Dirijo-me a vós, nestas comemorações, pela primeira vez, enquanto presidente da Câmara Municipal.

Quero transmitir-vos o enorme orgulho que sinto ao fazê-lo. O privilégio de servir a minha terra e o seu povo é, garanto-vos, a maior honra da minha vida. Tendo as minhas origens numa família de agricultores e, sobretudo, sendo mulher, e democrata, só umas eleições democráticas e livres, me poderiam concretizar esta

aspiração. E este legado devo-o, devemos-lo todos, ao 25 de Abril de 1974.

É por isso que vos falo com a humildade de quem nasceu pouco antes da revolução de Abril e que, portanto, tudo deve – os direitos, a liberdade de opinião, de movimentação, de escolha. E o sentimento de gratidão é também o que enforma o sentido de responsabilidade e de serviço público com que exercerei a missão que, com o seu voto maioritário, os Alpiarcenses me conferiram. Não sou a primeira mulher a exercer estas funções no nosso concelho, mas sou a primeira mulher eleita presidente da Câmara em eleições livres e democráticas. Sem o 25 de Abril tal não seria possível. Também o direito de voto universal, as eleições livres onde as mulheres passaram a votar e a poder ser eleitas e o poder local democrático são conquistas de Abril.

Assumi estas funções ciente do momento histórico que vivemos e, sobretudo, determinada em operar uma mudança profunda na ação da autarquia. De implementar uma cultura de trabalho orientado para a concretização de objetivos, dirigido para o crescimento e desenvolvimento económico do concelho e para a criação de melhores condições de vida para os alpiarcenses. Uma cultura que aproveite e potencie as oportunidades, de procura dos meios para concretizar projetos, de motivação a todos quantos servem, como eu, os alpiarcenses. São estes afinal os desígnios de Abril.

A interiorização da necessidade de promovermos uma cultura democrática mais exigente, assente na transparência e na prestação de contas é um dever de todos. Essa é uma prática que adotámos e aprofundaremos ao longo deste mandato. Porque a diferença entre a ilusão que se cria, em momentos mais ou menos oportunos em face dos períodos eleitorais, e a realidade objetiva, traduzida na verdade dos factos, embora oculta, é muitas vezes enorme.

Faz este ano 46 anos sobre as primeiras eleições democráticas para aquele que é o grande alicerce e fonte de rejuvenescimento da democracia: o poder local. Foi e é no poder local que bate o coração da democracia. É aqui que, olhos nos olhos, face a face, o poder se humaniza. Com as suas forças e fraquezas.

Nesta democracia paulatinamente consolidada, é importante salientar o papel crescente da sedimentação e ampliação da autonomia e dos poderes e atribuições das instituições representativas do poder regional e do poder local democrático. E deixar uma palavra de apreço e reconhecimento aos milhares de cidadãos que nas assembleias e nos executivos autárquicos têm dado o seu melhor para fazer de Portugal um país moderno e com mais qualidade de vida.

E hoje as diferenças são por demais relevantes, no plano político, social e económico, em confronto com os tempos da ditadura.

Vivíamos então, num enclausurado silêncio, numa longa noite que se arrastava por mais de 48 anos e que se entrecortava com uma guerra colonial que devastava pela morte, pela mutilação e pela doença, muitos milhares de jovens portugueses, e outros tantos jovens guerrilheiros e simples cidadãos africanos. “Portugal sangrava em África os seus recursos humanos e financeiros”.

O mesmo é dizer, vivíamos num país esmagado pela fome e pela mais pesada miséria. Não havia liberdade de opinião, nem liberdade de imprensa, nem liberdade de reunião, de manifestação ou de greve. O regime assentava num partido único e no poder ilimitado da polícia política.

Centenas dos nossos melhores intelectuais e homens da cultura foram forçados ao penoso exílio e assim afastados compulsivamente do seu país. Milhares de jovens optaram por desertar ou mesmo não aceitar serem incorporados com destino à guerra colonial.

Mas, importa também assinalar, que houve sempre muita gente que se empenhou na luta contra a opressão. Democratas, operários, camponeses, estudantes, mulheres, intelectuais, enfim, uma grossa corrente de opinião que, por isso, penou nas prisões políticas ou até sucumbiu às balas ou aos maus tratos dos esbirros do fascismo. Parafraseando o poeta “houve sempre alguém que resistiu, houve sempre alguém que disse não”. Saúdo também, todos esses, cuja

memória deve para sempre perdurar, tantos, alpiarcenses como nós. Mas é inquestionável que foi “um punhado de indómitos e jovens capitães, liderados por Salgueiro Maia, que ousou levar de vencida a ditadura e interpretar os mais genuínos sentimentos de um povo, que os saudou e motivou, naquela madrugada de 25 de Abril de 1974”

“Esta era a madrugada que eu esperava...” disse Sophia. Falava por todo o povo!

Parece sempre, sobretudo aos mais incautos, uma redundância, ano após ano, comemarmos o 25 de Abril. A sensação de que tudo já foi dito e escrito, a aparente certeza de que tudo o que foi conquistado é já um dado adquirido e se encontra consolidado nas nossas vidas, a ideia de que esta é uma data que pertence só a alguns – (fruto de uma latente e permanente vontade de apropriação), e não uma verdadeira conquista de todo um povo.

Nada podia afastar-se mais da realidade. E provavelmente nunca, como hoje, foi tão essencial comemorar Abril, declarar a sua importância como momento fundador da democracia, afirmar os princípios, os direitos e liberdades que lhe estiveram na génese e defender, intransigentemente, a sua manutenção e reforço!

Quem diria, que 48 anos volvidos sobre aquela madrugada de 25 de abril de 1974, Portugal e o mundo vivessem um momento tão difícil e ameaçador da paz e tranquilidade alcançadas com o fim

da 2ª Guerra mundial e com o debacle da guerra fria decorrente da desagregação da União Soviética.

O País crescia, há três anos consecutivos, acima da média europeia e tinha criado 350 mil empregos. Convergência económica e socialmente. A política de rendimentos estimulava a procura interna, dinamizava a produção nacional e, por outro lado, cresciam as exportações. A dívida pública vinha a decrescer em termos de percentagem do Produto Interno Bruto (PIB) e, pela primeira vez na história democrática do País, tínhamos um superavit orçamental. Contudo, chegou a pandemia e tudo se alterou. Todas as previsões caíram por terra. E, não tenhamos dúvidas, os adversários da democracia reapareceram no mundo, na Europa e, também em Portugal. Aparecem sempre quando há incerteza e medo. Por vezes, estimulando-os. Lançando o discurso da desconfiança, nas instituições e na democracia. Combater a pandemia foi pois, para todos nós, a prioridade. Proteger e recuperar as condições de vida, apoiando a população e contribuindo diretamente para minorar o embate social e económico da pandemia. No País e nas comunidades locais, vencer estes desafios foi também fortalecer a democracia e a confiança no futuro.

Comemorar o 25 de abril é comemorar a Liberdade, a Democracia e a Igualdade. É comemorar o Portugal que, valorizando a sua

dimensão atlântica e de expressão cultural e linguística lusófona, se afirmou europeu na adesão à Convenção Europeia dos Direitos Humanos e ao projeto de paz e desenvolvimento da CEE/ EU, aberto ao mundo e compreensivelmente humanista. Este é um caminho que tem que continuar. O que exige uma cidadania esclarecida, atenta e comprometida com os valores de Abril. Os tempos que vivemos exigem a atualização permanente do nosso compromisso com esses valores, cuja melhor síntese democrática está contemplada na nossa Constituição.

Há, pois, que promover uma cultura de proximidade, de transparência, de prestação de contas, de envolvimento dos cidadãos, particularmente dos mais jovens, na vida das instituições. É imprescindível pugnar por um discurso público sério, rigoroso, alicerçado no conhecimento e na razão. Um discurso que, valorizando a ética das convicções, não deixe de assentar na ética da responsabilidade. Em nome e em defesa dos valores de Abril.

É evidente que um povo que vivia isolado, orgulhosamente só por determinação de uma ditadura implacável, uma vez libertado dela, se abriria ao mundo. Foi assim que aconteceu. O 25 de Abril teve, também, o mérito de reintegrar Portugal no mundo. Foi a instauração da liberdade e a instituição de um regime democrático que permitiu que, o então primeiro Ministro Mário Soares pudesse

assinar em 1985^a adesão à Comunidade Económica Europeia. E indiscutivelmente, foi a nossa reconciliação com os areópagos internacionais e sobremaneira a nossa integração política na Europa que nos permitiram acelerar, consolidar e aprofundar a democracia.

E é exatamente porque somos parte da Europa dos povos, das organizações internacionais democráticas e representativas da civilização ocidental, que jamais poderíamos ficar à margem do que se passa atualmente no nosso espaço comum.

E esta é uma das questões onde não é compreensível, eu diria mesmo, admissível, ficar em cima do muro. Há que tomar parte e fazê-lo de forma franca e determinada. A agressão perpetrada pelo ditador russo, com a invasão militar de um país soberano, levando a guerra ao seu território, visando condicionar a sua liberdade e auto-determinação, merece a mais veemente condenação da comunidade internacional, aliás como temos testemunhado por parte da esmagadora maioria das democracias mundiais. O direito de um povo sob ataque a defender-se, dentro do seu território, alvo de gravíssimos crimes de guerra e violações sistemáticas do direito internacional, é um direito inalienável, e só um posicionamento ideológico exdruxulo e completamente absurdo e desnorteado, pode justificar que entre nós, um partido político que

se afirma precursor da liberdade possa ter assumido a posição que assumiu. Esta é uma nódoa que nem com benzina sairá!

A escritora Anne Applebaum, no seu mais recente livro – “Gulag – uma História”, numa recensão que escreveu de um livro acerca das republicas ocidentais da antiga União Soviética, nos anos 90, escreveu o seguinte período: “Aqui ocorreu a fome e o terror dos anos 30, durante os quais Estaline matou mais Ucrânianos do que Hitler matou judeus. Porém, quantos no Ocidente se lembram disso? Ao fim e ao cabo a matança era muito maçadora e ostensivamente pouco dramática”

A verdade é por vezes maçadora e pouco dramática, mas não deixa de ser verdade. E hoje, ela entra-nos pelas nossas casas dentro, exatamente porque vivemos em liberdade. Essa liberdade que alguns não queriam, mas que tantos conseguiram.

É por isso que se pode dizer com verdade que o 25 de Abril valeu a pena.

Sim, o 25 de Abril, gesto heróico de jovens capitães, valeu a pena, porque melhorou a vida dos portugueses, acabou com uma guerra fratricida e conferiu aos cidadãos de Portugal os direitos, liberdades e garantias que a ditadura sempre nos negou.

Ao celebrarmos o 25 de Abril queremos que fique claro, particularmente para os mais jovens, que a “revolução dos

cravos”, uma revolução pacífica, devolveu a todos nós a dignidade e o orgulho de sermos portugueses.

Mas como nada do que conseguimos nos está garantido, as minhas palavras finais vão exatamente para os mais jovens, aqueles que na casa dos 20 anos sentem a urgência de um país mais justo, onde possam legitimamente concretizar os seus projetos de vida, que prezam e reconhecem a importância dos valores da liberdade e da democracia, que conhecem, de ler ou ouvir contar, o que foi o tempo de trevas vivido pelos seus antepassados, e que tão simplesmente são o penhor do nosso futuro democrático, mesmo quando possam discordar de algumas das palavras que proferi:

“O 25 de Abril foi “o dia inicial inteiro e limpo”
Guardem-no para sempre!

Viva o 25 de Abril

Viva a Liberdade

Viva Alpiarça

Alpiarça, 25 de Abril de 2022